

## Defensores dos animais protestam contra resposta em defesa das touradas

Cartas - Polêmicas

15 de November de 2013



### NOTA DO SITE

Devido ao volume de cartas recebidas e a semelhança de conteúdo entre elas, selecionamos para publicação apenas três, cuja “argumentação” sintetiza as críticas de oposição à prática das touradas.

Aos leitores desejamos uma boa leitura e um frutuoso aprendizado.

In Corde Jesu, semper  
Eder Silva

\*\*\*

### **Carta I**

Nome: Rosa Elisa Villanueva  
Religião: Católica  
Cidade: Florianópolis - SC  
Escolaridade: Pós-graduação concluída  
Profissão: bióloga

Um sr. chamado Marcelo, fez uma defesa incoerente e grave das touradas. Por favor, nem contem para o Papa Francisco que gente com valores tão selvagens está no seio da nossa igreja e em uma instituição séria como pensávamos que era o Apostolado Defesa Católica.

### **Carta II**

Nome: Carlos Gabeira  
Cidade: Poços de Caldas - MG

Sr. Marcelo. Não acredito que uma pessoa que se diz ligado ao Catolicismo, seja a favor dessas práticas odiosas contra torturas de animais.

Ou o sr. é um sádico doente ou deve ter pacto com o demônio.

Achar bonito caça esportiva?? Fala sério. Gostaria muito de te por pra correr [...]. E te perguntar, gostou da brincadeira??

Vc é um demônio!

### Carta III

Nome: Sonia

Religião: Outra

Cidade: São Paulo - SP

Profissão: Aposentada

Se a Igreja Católica tem defensores como o Sr. Marcelo Andrade, está muito mal e não me admira que esteja perdendo tantos membros. Basta seus fiéis abrirem um pouco seus olhos e/ou estudarem um pouco da história de dominação, poder e dinheiro.

O referido não demonstra nenhuma compaixão. Você diz "A crueldade com o animal é maior nos matadouros que na arena". Se você compara, quer dizer que são da mesma natureza, apenas uma com mais intensidade que a outra. Sabe o real sentido da palavra crueldade, cf. o dicionário? aqui vai: "s.f. Prazer que se experimenta em fazer sofrer ou ver sofrer." Não é bem a mesma coisa, concorda?

A verdadeira "cavalaria católica" foi criada com o intuito de defender a Igreja e o Rei (binômio inseparável) e nunca para maltratar animais e seres humanos. Espanta-me saber que a Igreja Católica, após cessado(?) seu período negro, negríssimo, nigérrimo, continue a transpirar crueldade e mortes. Parece que ela gosta de ver suas mãos cobertas por sangue inocente.

Na tourada, vários homens(?) munidos de espadas ferem o pescoço do touro (região amplamente vascularizada) até que o pobrezinho esteja exangue.

O agonizante touro já perde tanto sangue que toda a plateia sente seu cheiro. Muitos espectadores, de tão enojados pela crueldade e seu conseqüente odor de desgraça e morte, chegam a "devolver" o almoço.

Quando a infeliz criatura de Deus já está a desmoronar, entra o elegante, garboso e ileso "torero" e começa provocar e apupar um ser vivo moribundo, seguido pela plateia ensandecida, enlouquecida. Depois, para agravar os sofrimentos do moribundo, corta-lhe um pedaço, que pode ser a cauda, a orelha, um naco do flanco ou qualquer parte que seu sadismo escolher.

Marcelo, a "bela dancinha" que você elogia é macabra.

Seu raciocínio é que se um ser vivo vai mesmo morrer, fica lícito matá-lo prematuramente.

Você me força a concluir que a Igreja Católica não considera pecado nem crime matar um ser humano, uma vez que todos vamos morrer, já que ninguém é imortal.

Realmente, Deus criou os animais para ajudarem o homem, mas não para serem maltratados. Acho que você não entendeu muito bem o mencionado Gn 1:26. O versículo refere-se à criação do mundo em que a Igreja Católica, aliás, não acredita: "Então Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastem sobre a terra." Gênesis 1:26. Copiei e coleí de uma Bíblia Católica. Não vi onde você encontrou que é lícito maltratar os animais. Novamente uma própria e tradicional interpretação?

Esqueça a tradição de que você tanto falou. Se você é cristão, baseie-se na Bíblia que é a única fonte verdadeira do cristianismo (apesar de algumas vezes mal interpretada).

Reveja seus conceitos. Você escreveu: "Naquela época, não passava pela cabeça dos pensadores o menor resquício de sentimentalismo para os animais." Que pena que você e a Igreja Católica continuam na "idade das trevas", procurando inocentes para açoitar, espancar, aterrorizar, assombrar, atormentar e matar...

## Resposta

Recebi, por meio do amigo Eder de Campo Grande, uma série de cartas (e-mails) desaforadas, em razão de uma defesa que fiz das touradas. Tais cartas revelam o baixo nível intelectual do mundo em que vivemos, no qual as pessoas são incapazes de argumentar e logo partem para os turpilóquios.

Responderei as cartas genericamente, em duas partes, mostrando porque a tourada é legítima, de forma resumida.

-

### Parte I- A ordenação dos animais ao homem:

-

De acordo com S. Tomás:

- “A caça dos animais das florestas é justa e natural” (Aristóteles). I, Q. 96, a1.

- “Os seres mais imperfeitos são postos à disposição dos mais perfeitos”. II-II, q. 64, a.1, rep

- “Por uma ordem justíssima do Criador, a vida e a morte desses seres (animais e plantas) estão a nosso serviço” (S. Agostinho) II-II, q. 64, a.1, sol. 1.

No mundo, dito selvagem, os vegetais servem aos animais e os animais mais fracos servem aos mais fortes. E todos eles devem se submeter ao homem.

Deus criou-os para servirem ao homem, seja materialmente seja espiritualmente, neste caso, ensinando símbolos de virtudes e vícios.

Muito melhor do que deixar um touro viver e morrer no pasto, é colocá-lo na arena para o bellissimo espetáculo simbólico da tourada. Para isto foi feito.

Assim como é bem mais útil ter um computador realizando tarefas do que ele estar desligado.

Todos os animais são substâncias viventes, sensíveis e não racionais (definição tomista).

O homem é uma substância vivente, sensível e racional (definição tomista).

Entre o ser racional e o não racional há um abismo enorme, de forma que os dois têm natureza diferente.

Como o Direito nasce da natureza racional do homem, os animais não tem direito nenhum, pois são irracionais. A lei natural vincula-se ao homem, por ser racional. (Ver II-II, Q.90 e seguintes.)

Os animais, portanto, não tem direito de viver, de comer, ao bem estar etc.

E também, os animais não são objeto da caridade. Esta virtude, tão mal compreendida, tem por objeto Deus e os homens, nunca seres irracionais. (II-II, q.25, a.1)

Assim, alguém que “salva” um animal da morte não faz caridade nenhuma.

Os animais agem por instinto e podem ser treinados para salvar vidas ou para matar. Por isso, não há mérito na ação deles nem “culpa”.

O homem, que tem alma imortal, irá para o céu ou para o inferno. Os animais não irão para lugar nenhum.

Nos seis exemplos abaixo relacionados, temos casos nos quais é absolutamente legítima a

morte dos animais e envolvem certa “crueldade” contra eles. E se relacionam com as necessidades materiais do homem.

1) Alimentação. Um homem mata uma galinha na floresta para se alimentar.

2) Causa econômica. Um suinocultor vende porcos para o abate e com isto recebe dinheiro para sustentar a família dele.

3) Higiene e saúde local. Ratos estão empestando uma casa, dono compra um veneno para matar os animais.

4) Saúde em geral. Cobaias em laboratório. Biólogos fazem experimentos com a finalidade de desenvolver um medicamento que servirá para a saúde da população.

5) Defesa de um bem. Um pastor matou um lobo porque este atacava as ovelhas

6) Roupas. Matar um “vison” para fazer um casaco.

Na caça e na tourada, estão envolvidos o lado material e o espiritual do homem:

1) “Caça esportiva”. Prática feita há milênios, visava treinamento militar, formação de caráter e simbolizava o controle da alma sobre o corpo. Havia regras a serem seguidas, rituais etc. incidentalmente, a caça gera lucros e empregos e resultava em alimentação (itens 1 e 2). Mesmo que a caça fosse neutra em relação ao lado espiritual, ela seria legítima, pois, abriga os itens 1 e 2, do elenco supracitado.

2) Tourada. Relaciona-se com a caça e vai mais além, na simbologia. Elevando à potência máxima a ordenação dos animais ao homem. Como a caça, incidentalmente, a tourada gera lucros e empregos e resulta em alimentação (itens 1 e 2). Mesmo que a tourada fosse neutra em relação ao lado espiritual, ela seria legítima, pois, abriga os itens 1 e 2, do elenco supracitado.

Vemos que os oito casos seguem o mesmo princípio: da ordenação do inferior ao superior.

Há outros casos de “maltratos” que não envolvem morte, como por exemplo:

1) Andar a cavalo. Durante milênios, os homens andaram a cavalo, maltratando os animais com horas e horas a fio de cavalgadas.

2) Tosquiamento de animais lanígeros . Durante séculos os carneiros têm sua lã retirada.

3) Injeção de veneno de cobra em equinos para obtenção de soro antiofídico.

4) Trabalho. Durante milênios se usam muares e bois para arar a terra e transportar mercadorias.

Diferente é o caso de se maltratar um animal sem razão. Neste, a conduta deve ser punida, não por causa do animal, pois, este não tem direito.

A conduta deve ser punida porque a crueldade, sem ordenação a nada elevado, se operou por pura maldade e/ou sadismo.

De modo similar, não se pode matar os animais a esmo, sem razão, não por causa deles, mas porque direitos de terceiros seriam violados.

Defender os “direitos” dos animais e/ou sua igualdade aos homens não é um valor humanista, mas sua negação. Já que seria tratar um homem como um animal.

Está escrito: "Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cães" (Mt XV, 26) e "não deis aos cães o que é santo, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas" (Mt VII, 6).

Defender os animais como se fossem homens é propor o colapso da sociedade, já que a vida seria difícil sem a sujeição deles aos homens.

Ser “bonzinho” com os animais é fazer mal aos homens, pois, ao emprestar “direitos” aos seres irracionais, está-se tirando reais direitos de alguém.

E a “crueldade” é inerente à sujeição do inferior ao superior, não há como matar e injetar veneno de cobra em um equino sem um mínimo de dor, por exemplo.

E por que há uma escolha, por mero capricho, dos animais a serem protegidos? Os cães

são sempre os primeiros a serem defendidos e depois os touros.

Por que ninguém defende os ratos dos raticidas?

Outra curiosidade é: por que ninguém fala nas obrigações dos animais? Assim como eles teriam “direitos” segundo seus defensores, porque não teriam a contrapartida das obrigações? Por que não poderiam ser “punidos” e só “premiados”?

Por questão de coerência, os que são contra a “crueldade” feita contra os animais e defendem os “direitos” deles:

1) Não poderão comer carne de animais nem peixe nem nada que viva.

2) Não poderão usar lã

3) Não poderão comer nada que tenha ovos de galinha, incluindo doces e massas que tenham ovos em sua composição. Os ovos, afinal, contém o embrião.

4) Defenderão que as pessoas que vivam de exploração de animais, por exemplo, os suinocultores, abandonem suas profissões.

5) Se forem picados por cobras não poderão usar soros nem tomar remédio advindos de uso de testes em animais, em laboratório.

6) Não poderão beber leite, já que isto é furtar um produto das vacas nem poderão comer laticínios nem queijos.

7) Não poderão andar a cavalo nem usar raticidas.

Etc.

Ser contra as touradas, ser contra o uso de animais em laboratório etc, sem adotar as condutas supramencionadas é pura incoerência.

E São Francisco de Assis? Não chamou os animais de irmãos?

A grandeza deste santo é proporcional à deturpação que fazem de sua biografia.

São Francisco era antiecumênico, enfrentou o sultão Malek e era a favor das cruzadas.

É verdade que chamou os animais de “irmãos”, ainda que “irmãos inferiores”. Porém, também chamou de irmãos: o sol, o vento, o fogo, a morte corporal etc. (ver “cântico das criaturas”).

Para São Francisco, os animais são nossos irmãos assim como a morte corporal. Ele estava se referindo a toda a obra da criação e não a “irmão” em sentido estrito. Se assim fosse, além de lutar pelos animais teria de se lutar pelos direitos do “vento”.

## **Parte II – Justificativa da tourada pela história.**

A ligação da Península Ibérica (Portugal e Espanha) com a tourada é intensa e varre muitos séculos, englobando toda a sociedade, o chamado “três estados” (Clero, Nobreza e Terceiro Estado)

Assim, a nobreza sempre disputou e apoiou torneios e os membros da família real tanto portuguesa quanto espanhola eram versados na arte da tauromaquia.

A população em geral (o “terceiro estado”) também era (e é) aficionada.

E o liame da Igreja da Península Ibérica com a tourada é bem mais estreito do que parece à primeira vista.

Nas festas religiosas e nas comemorações de canonizações sempre havia muitas touradas.

Na comemoração da canonização de Santa Teresa de Ávila, por exemplo, em 1614, foram sacrificados mais de duzentos touros em dezenas de corridas.

Igualmente ocorreram faenas quando foram canonizados santos como Francisco Xavier, Luiz Gonzaga etc.

E isto se estendia em todo o Império espanhol. Em Lima, por exemplo, no começo do séc. XVII, os dominicanos organizaram uma grande festa para celebrar a canonização de São Domingos de Peñafort.

Às vezes, as celebrações cruzavam as fronteiras. Em Roma, em 1492, para celebrar a conquista de Granada, realizaram-se corridas, presididas pelo cardeal espanhol Rodrigo de Borja, que se tornaria mais tarde papa.

Muitas “ganaderias” foram propriedade de religiosos, como a dos cartuxos, a dos jesuítas e a dos dominicanos, na Andaluzia. E estes religiosos promoviam várias corridas. Bispos abençoavam as arenas e assistiam ao espetáculo. Alguns deles até chegaram a construir “plazas”.

No séc. XIX algumas das melhores “ganaderias” eram de religiosos.

Em Portugal, as Santas Casas de Misericórdia possuíam e possuem várias arenas de touros. E assim, como na Espanha, havia touradas nas comemorações e festas religiosas. E muito das rendas obtidas pelas “fiestas” eram revertidas em prol de obras de caridade.

No Brasil também houve touradas no passado, assim como nas colônias portuguesas africanas, em Goa e em Macau.

Em épocas mais recentes, sabe-se que Monsenhor Escrivá assistiu a touradas no começo do séc. XX.

Diz-se que o exemplo arrasta. Pois bem, o exemplo da Igreja na Península Ibérica é pela licitude e pelo alto valor da tauromaquia.

A tourada pertence à alma ibérica, região que produziu muitos santos, mártires e heróis. E que por meio da colonização, converteu boa parte do mundo.

Mais ainda que o apoio, que os religiosos davam e dão à tourada, é interessante entender a harmonia que se vê entre a religião e a tourada, pois ambos representam a sujeição do inferior ao superior, do corpo à alma. Assim como o touro é sacrificado para o homem, nós devemos nos sujeitar a Deus e sacrificarmos, se for o caso, nossa vida por causa Dele. A tourada pode muito bem ser um símbolo do martírio.

A decadência dos valores católicos, em nosso tempo, é proporcional à aversão às touradas.

Triste mundo que é contra a tourada e não entende esta nobre arte, mas que quer o aborto.

Triste mundo que aderiu a um sentimentalismo raso em relação aos animais.

Marcelo Andrade, 11 de novembro de 2013.

**ADENDO**

Prezado Marcelo  
Salve Maria!

A resposta ficou muito boa! Note que, além do sentimentalismo, as pessoas sofrem de um materialismo grosseiro, visando satisfazer unicamente o apetite sensível. Ora, o homem também tem um apetite intelectual ou espiritual. Portanto, por que os animais, usados para alimentar o corpo, não podem ser utilizados para um fim mais nobre, ou seja, alimentar a alma com verdades espirituais? É isso que a tourada proporciona de mais elevado. Ela ensina virtudes! Ela alimenta o espírito!

E como você bem observou: melhor usar o touro para ensinar virtudes a deixá-lo morrer inutilmente no pasto.

Deus lhe pague pela excelente resposta!

In Corde Jesu, semper  
Eder Silva

[Indicamos: <http://www.casademanolete.com/>]